

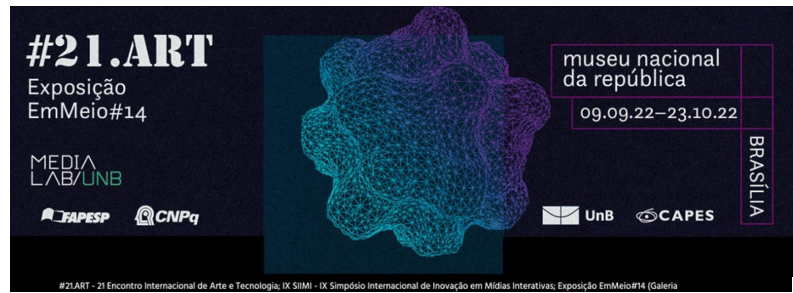


Revista VIS: Revista do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais

<http://periodicos.unb.br/index.php/revistavis/index> está licenciado com uma Licença Creative Commons - Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional. Fonte: <https://periodicos.unb.br/index.php/revistavis/article/view/48492>. Acesso em: 28 jun. 2024.

#### Referência

WARD, Rodolfo. Sobre a estética. **Revista VIS: Revista do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais**, [S. l.], v. 21, n. 2, p. 451–458, 2023. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/revistavis/article/view/48492>. Acesso em: 28 jun. 2024.



## SOBRE A ESTÉTICA:

Rodolfo Ward  
rodolfoward@unb.br

### Resumo

Durante trinta anos, o pensador acumulou notas sobre a disciplina estética que, originalmente, seriam a base para a escrita do volume final de “O Método”. Entretanto, o autor não escreveu o sétimo volume e essas notas foram apresentadas por meio de conferências proferidas na *Maison des Sciences de L’Homme*, em 2016, originando seu livro “Sobre a Estética”, do qual trata esta resenha. A obra é dividida em oito capítulos que abordam, por meio de uma perspectiva histórica e enciclopédica, o ponto de vista pessoal do autor, que utiliza muito bem seu conhecimento transdisciplinar para exemplificar cada tópico levantado por ele. Inicia falando da natureza, do elemento estético, da individualização, da mercantilização e da industrialização da arte. Aborda a criatividade, deixando claro que não é uma qualidade exclusivamente humana. No decorrer das 118 páginas da publicação brasileira, ele transpassa a temática da estética e da cultura de uma forma muito rica.

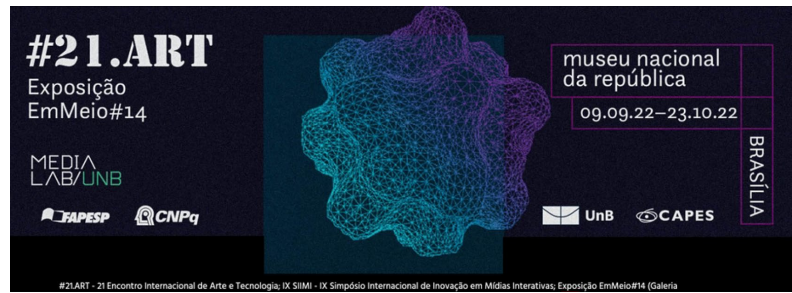
**Palavras-chave:** Estética, *Aesthesis*, Resenha, Sentidos, Emoções.

## ABOUT THE AESTHETICS:

### Abstract

For thirty years, the thinker accumulated notes on the aesthetic discipline that, originally, would be the basis for writing the final volume of “The Method”. However, the author did not write the seventh volume and these notes were presented through lectures given at the *Maison des Sciences de L’Homme*, in 2016, originating his book “About Aesthetics”, which this review is about. The work is divided into eight chapters that approach, through a historical and encyclopedic perspective, the personal point of view of the author, who uses his transdisciplinary knowledge very well to exemplify each topic raised by him. He begins by talking about nature, the aesthetic element, the individualization, commodification and industrialization of art. It addresses creativity, making it clear that it is not an exclusively human quality. Throughout the 118 pages of the Brazilian publication, he permeates the theme of aesthetics and culture in a very rich way.

**Keywords:** Aesthetics, *Aesthesis*, Review, Senses, Emotions.



---

## SOBRE LA ESTÉTICA:

### Resumen

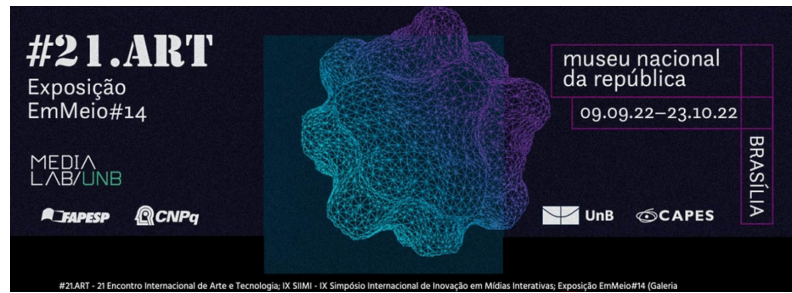
Durante treinta años, el pensador acumuló apuntes sobre la disciplina estética que, en un principio, sería la base para escribir el volumen final de “El método”. Sin embargo, el autor no escribió el séptimo volumen y estas notas fueron presentadas a través de conferencias dictadas en la Maison des Sciences de L'Homme, en 2016, dando origen a su libro “Sobre la Estética”, del que trata esta reseña. La obra se divide en ocho capítulos que abordan, a través de una perspectiva histórica y enciclopédica, el punto de vista personal del autor, quien utiliza muy bien su conocimiento transdisciplinario para ejemplificar cada tema planteado por él. Comienza hablando de la naturaleza, el elemento estético, la individualización, mercantilización e industrialización del arte. Aborda la creatividad, dejando claro que no es una cualidad exclusivamente humana. A lo largo de las 118 páginas de la publicación brasileña, impregna de manera muy rica el tema de la estética y la cultura.

**Palabras clave:** Estética, Aesthesis, Revisión, Sentidos, Emociones.

### SEÇÃO PRIMÁRIA

No auge dos seus 101 anos de vida completados em 2022, o centenário polímata francês Edgar Morin, notório pelo seu trabalho em torno do “Pensamento Complexo” e também pela importante e extensa obra epistemológica, dentre inúmeras outras “O Método”, constituída por seis volumes e escrita durante trinta anos, continua atuante nas mais diversas áreas da educação nos campos das ciências, da filosofia e das artes. Durante trinta anos, o pensador acumulou notas sobre a disciplina estética que, originalmente, seriam a base para a escrita do volume final de “O Método”. Entretanto, o autor não escreveu o sétimo volume e essas notas foram apresentadas por meio de conferências proferidas na Maison des Sciences de L'Homme, em 2016, originando seu livro “Sobre a Estética”, do qual trata esta resenha.

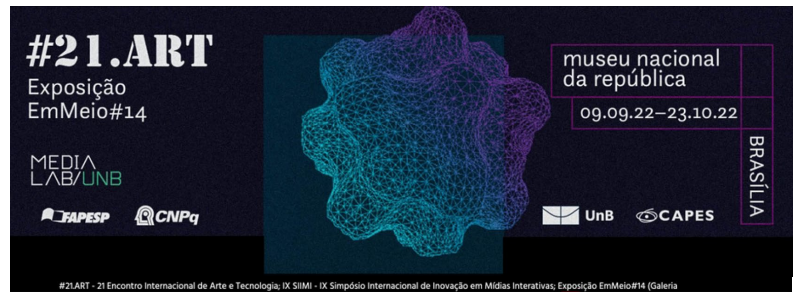
A obra é dividida em oito capítulos que abordam, por meio de uma perspectiva histórica e enciclopédica, o ponto de vista pessoal do autor, que utiliza muito bem seu conhecimento transdisciplinar para exemplificar cada tópico levantado por ele. Inicia falando da natureza, do elemento estético, da individualização, da mercantilização e da



industrialização da arte. Aborda a criatividade, deixando claro que não é uma qualidade exclusivamente humana. No decorrer das 118 páginas da publicação brasileira, ele transpassa a temática da estética e da cultura de uma forma muito rica. O texto é fluido e fácil de ler. Como citamos, é uma obra enciclopédica de trinta anos de estudos e escritas. Devido à limitação de espaço, iremos abordar as principais ideias do livro e recomendamos sua leitura. Após essa apresentação inicial da obra, adentraremos em uma análise sobre seu conteúdo.

Em seu livro “Sobre a estética”, o autor explica a estética partindo do próprio sentido da palavra grega *aisthesis*, que significa sensação, sentimento; diz que a estética, “antes de ser característica própria da arte (...), constitui um elemento fundamental da sensibilidade humana” (2017, p. 13). Para o autor (2017, p. 13), “o sentimento estético é uma emoção que nos surge a partir de formas, de cores, de sons e também de narrativas, de espetáculos, de poemas, de ideias”. Para Morin, o sentimento estético é profundamente humano e amplamente compartilhado na sociedade, desenvolvendo-se e fortalecendo-se em certas condições pessoais, culturais, históricas e sociais. É interessante refletirmos sobre isso, pois cada época possui sua estética própria. O sentimento estético se transmuta conforme as sociedades e as culturas convergem. Falamos em sociedade, pois é o meio onde o indivíduo está inserido. Entretanto, por mais que a cultura e a sociedade exerçam papel fundamental na formação do indivíduo e atuem guiando as ações individuais na coletividade, a estética é um sentimento pessoal e se manifesta em cada indivíduo de uma maneira muito particular.

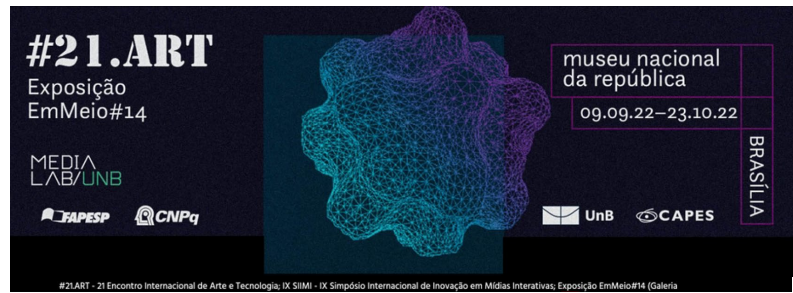
Para o filósofo, o sentimento estético é um sentimento bastante difícil de se definir e pode ser experimentado em múltiplas circunstâncias, que vão desde apreciar fenômenos naturais como o pôr do sol, o céu estrelado, um pico nevado, o voo dos pássaros, passando por ouvir os cantos dos pássaros, ou escutar uma música que te toque profundamente a ponto de arrepiar seu corpo. Assistir um filme que te emocione, que te faça rir ou chorar. Declamar uma poesia ou cantar uma música que lhe de prazer. Para o autor, a estética está ligada ao sentimento, ou seja, é despertada pelos sentidos. Você pode degustar inúmeros sabores que



irão lhe trazer maravilhamento e felicidade. Pode sentir o prazer do toque ao beijar apaixonadamente alguém a ponto de perder a noção do espaço tempo. Experienciar o prazer do perfume dessa pessoa ao olfatear seu cheiro. Então, para Morin, a experiência estética não está ligada apenas ao belo, às artes visuais, ao sentido da visão, como é geralmente relacionado no senso comum por parte da sociedade, que entende estética como aparência física e, sim, ao campo das emoções, dos sentimentos e das sensações, ou seja, um campo não tangível.

Seguindo em sua análise, Morin vê a vida humana bipolarizada. De um lado, sua parte prosaica em que fazemos as coisas por obrigação e sem prazer. De outro lado, sua parte poética, “na qual, ao contrário, florescemos, comungamos (...). Tudo o que é estético constitui um elemento integrado e integrante da parte poética da vida” (MORIN, 2017, p. 13, 14). Quando refletimos sobre essa bipolarização da vida nos dias atuais, podemos pensar sobre a famosa gíria utilizada nas plataformas de mídias sociais, como Instagram e Facebook, o famoso #sextou que indica que a semana acabou e que as pessoas não precisam mais vender as horas de suas vidas em troca de dinheiro, em empregos muitas vezes não prazerosos que fazem por obrigação, pois é necessário e podem, então, supostamente utilizar esse dinheiro que ganharam para viver, com liberdade, a parte poética de suas vidas nos dois dias de final de semana.

Mais adiante, o autor expande o conceito estético para um contexto de relações sociais, não focando na estética apenas para a arte e nem unicamente uma qualidade especificamente humana. Ele quer promover o pensamento estético como emoção. Ou seja, reação a um estímulo que mexe com você. E também como sentimento, que já é uma construção mais complexa de componentes cognitivos, perceptivos e avaliativos que transformam as sensações que sentimos em símbolos. Então, para Morin (2017, p.16), a emoção estética, o sentimento de beleza não é suscitado unicamente por obras de arte. Morin quer nos fazer pensar e refletir para além da visão unicamente humanística da estética. Ele



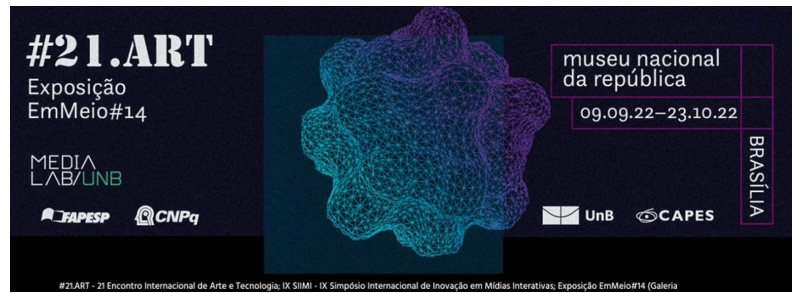
traz o pensamento estético para o campo da filosofia, perpassando por sistemas biológicos e pela natureza.

“(...) será que somos apenas nós que vemos a beleza na galhada de um cervo, nas cores da borboleta, nas plumas do pavão? Faço uma pergunta preliminar: os animais não sentiriam uma satisfação quase estética ao experimentar o prazer de viver, de se alongar, de saltitar, de galopar, de voar? Os animais e vegetais produziram a beleza apenas para nós, e não para eles?” (MORIN, 2017, p.17).

Essas interessantes reflexões propostas por Morin nos intrigam em relação à estética e ao seu estudo. Ao abordar a estética nos animais, Morin conscientemente nos faz pensar em uma pré-estética, pois seria uma estética anterior aos atuais estudos em estética e uma possível arte na natureza que precede a arte humana. “Eu diria que, como sempre, em matéria de evolução, há simultaneamente descontinuidade e continuidade” (MORIN, 2017, p.19). Para o autor, existe uma exuberância criativa da vida, uma criatividade ininterrupta e múltipla em sua capacidade inventiva e criadora, “a vida foi e é artista” e a estética está incluída nessa criatividade. Para o filósofo, a criatividade não nasceu junto com a humanidade. Existe a criatividade biológica, que “se efetiva no decorrer de um processo de produção e seleção”, e a criatividade humana, “que se efetiva a partir da relação cérebro / mão” (MORIN, 2017, p. 39).

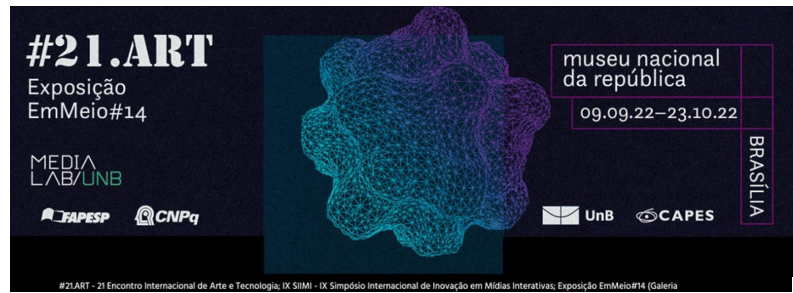
Morin aprofunda seu pensamento indo em busca da natureza da estética. Para o filósofo, a estética nos coloca em um estado de emoção denominado por ele de “estado alterado”, em um estado poético que se opõe ao estado prosaico. O estado poético é o que nos dá prazer, enquanto o estado prosaico é o estado que não nos dá prazer nem maravilhamento. Aqui, podemos entender a poesia ligada à arte, a vida sob um viés criador de realidades, sensações e sentimentos. O estado alterado é quando uma emoção nos transforma. Essa emoção pode ser tanto a paixão ou o amor, quanto a cólera ou a melancolia.





Algumas vezes, seria impulsivo e, em outras, nos proporcionaria momentos de reflexão. A nossa identidade, que está ligada à nossa consciência, se transmutaria nesse estado de emoção estética, podendo ir de um sutil prazer amplificando-se ao êxtase. Esse estado alterado se encontra no limite do místico sem ser religioso, intensificado no entusiasmo ou “possessão por um Deus”. Para o autor, (2017, p. 94) “a estética sempre determina o poético. O sentimento estético é uma manifestação contemplativa ou/e admirativa da experiência poética”. Um estado de encantamento que transfigura e transmuta o ser, pois, no caso da obra de arte, ao mesmo tempo que penetramos na obra, a obra nos penetra e nos possui. Neste momento mágico, “o estado alterado, o estado poético e o sentimento estético, há intercomunicação e intercontaminação” (MORIN, 2017, p. 23). A magia da arte em termos estéticos, para Morin, (2017, p. 23) está ligada à capacidade que temos de laicizar e isolar a beleza, desvincilhando-a de crenças religiosas ou políticas. Ou seja, o artista cria conscientemente e utiliza os elementos que acha necessário. Para o filósofo, a arte é a “capacidade humana de criar obras, formas, cores, sons que provocam ou deveriam provocar a emoção estética” (MORIN, 2017, p. 23).

Outro ponto de vista importante abordado pelo autor trata do belo e do feio. Ele faz um contraponto entre os cânones da cultura ocidental e oriental, analisando como o processo de planetarização fez com que descobríssemos e reconhecêssemos novos critérios para o belo. O que antes era feio, bizarro e grotesco para a cultura ocidental tradicionalmente regida pela cultura grega, por meio da ocidentalização do mundo, passou a fazer parte da estética globalizada e a servir de inspiração para os artistas que puderam expandir suas criações, mixando elementos estéticos de outras culturas às suas obras artísticas. Então, quando o que era considerado feio para a beleza clássica passa a fazer parte do processo de criação e adentra na cultura, existe uma troca cultural entre ocidente e oriente. Mais adiante em seu pensamento, Morin (2017, p. 94) diz que tanto o estético quanto o lúdico “podem ser utilizados para fins políticos, cerimoniais, religiosos” e que o artista pode xamanizar e

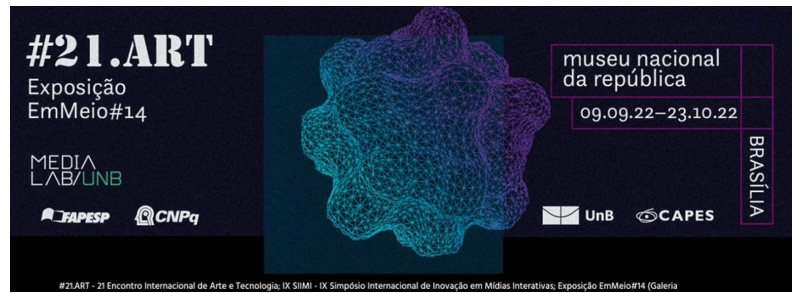


profetizar política ou religiosamente, colocando seu talento e sua arte a serviço de uma causa ou de uma fé. Atualmente, algumas escolas chamam isso de ativismo. O que vale ressaltar aqui é que Morin (2017) distingue a estética do feio e do belo. O autor cita exemplos da estética da guerra e do horror. O sentimento estético é um componente contemplativo que antecede o estado poético. “A poesia implica na adesão à beleza do mundo, da vida, do humano e, simultaneamente, à crueldade do mundo, da vida e do humano”. (MORIN, 2017, p. 114).

Sobre o artista, Morin (2017, p. 41-51) traz um pensamento extremamente interessante partindo do artista pré-histórico que, além de artistas, eram xamãs, ou seja, os xamãs eram artistas. Universalmente, os xamãs são conhecidos por serem feiticeiros, curandeiros, adivinhos, ou seja, estão ligados ao misticismo, conseguindo transitar entre os mundos espirituais, comunicando-se com os espíritos que governam a natureza e também pelos mundos vegetais e animais. Se formos pensar na atualidade com as teorias do pós-humanismo, na ascensão dos estudos sobre os povos indígenas, nos mecanismos e nas ferramentas tecnológicas como extensão dos corpos humanos e ascensão da inteligência artificial, podemos também adicionar o mundo tecnológico dos objetos técnicos, uma vez que os artistas na contemporaneidade têm cada vez mais utilizado meios tecnológicos para produzir arte. Seriam xamãs tecnológicos? Ciber xamãs? Tecno xamãs? A nomenclatura não importa no momento. Queremos propor ao leitor reflexões para expansão do pensamento levantado por Morin para também expandir o entendimento sobre estética contemporânea.

Para Morin (2017), os xamãs artistas oriundos das culturas tradicionais entram em estado alterado ou de transe que lhes proporcionariam uma genialidade, ou engenhosidade, ou criatividade diferenciadas. Por vezes, esses tranSES são facilitados pelo uso de substâncias alucinógenas. Jeremy Narby, antropólogo canadense, levantou a hipótese de que os xamãs se comunicam com esses vários mundos por meio da linguagem universal única de todos os seres vivos, o ácido desoxirribonucleico, o DNA. Sob ou não o efeito de drogas, os artistas xamãs





devem estar em um estado de semitranscência que utiliza “ao mesmo tempo, as forças conscientes e inconscientes de seu espírito” (MORIN, 2017, p. 46). Quando li esse trecho do livro, automaticamente me veio o pensamento dos artistas contemporâneos indígenas, que estão construindo um espaço dentro do cenário artístico e estão com um movimento muito forte no Brasil. Alguns artistas utilizam a Ayahuasca por meio de ritual para se interconectarem com outra virtualidade e produzirem suas obras nesta realidade.

Para finalizar, o livro é de fácil leitura e bem didático. O autor trata de diversas temáticas em torno da arte e da estética, propondo outras análises que, infelizmente, devido ao pouco espaço que uma resenha nos permite, não é possível descrever aqui. Entretanto, em sua análise, faltam as sensações estéticas a respeito das tecnologias contemporâneas, em específico das tecnologias computacionais. Quem busca algo nesse sentido, não irá encontrar. Outra coisa é que a estética, na maior parte do tempo, é tratada por meio da perspectiva do belo, deixando de lado o aprofundamento do grotesco.

## REFERÊNCIAS

MORIN, Edgar. Sobre a Estética. Pró Saber. Rio de Janeiro. 1ª ed. 2017. 128 p.

## Minicurrículo

Nome do autor: Rodolfo Ward

Afiliação institucional: Universidade de Brasília – UnB / Universidade da Califórnia, Los Angeles – UCLA

E-mail: rodolfoward@unb.br

ORCID: 0000-0001-8283-2940

Minicurrículo: *Artista, produtor cultural e pesquisador transdisciplinar. Doutorando em Artes Visuais e Mestre em Arte Contemporânea pela linha de pesquisa, Arte e Tecnologia, da Universidade de Brasília - UnB (2019). Pós-Graduado em Relações Internacionais pelo Instituto de Relações Internacionais IREL/UnB (2020). Pós-Graduado em Análise Política e Políticas Públicas pelo Instituto de Ciência Política - IPOL/UnB (2018).*